

Palavras Cruzadas: diálogos entre memória, literatura e história

Palavras Cruzadas: dialogues between memory, literature and history

Luísa de Souza Mello

Rafaela Pedroso de Oliveira

Luciana Paiva Coronel

Universidade Federal de Rio Grande

Resumo: A relação entre História e Literatura vem sendo estudada há milênios, visto suas várias afinidades. Em vista disso, o presente artigo se propõe a analisar o entrecruzamento dessas áreas em duas principais obras, todas de ficção, sendo elas *Palavras cruzadas*, de Guiomar Grammont (2015) e *O cabo de guerra*, de Ivone Benedetti (2016). Tal estudo foi feito a partir do arcabouço teórico de três principais historiadores e filósofos, sendo eles José Carlos Reis (2010), Yvan Lamonde (2007) e Paul Ricoeur (1994). Dessa forma, pudemos destacar a importância da literatura para o entendimento histórico e preenchimento de lacunas até então negligenciadas.

Palavras-chave: Literatura; história; memória; ditadura; apagamentos

Abstract: The relation between History and Literature has been studied for years, given their various similarities. Therefore, the present article proposes to analyze the intersection of these areas in two main novels, all fictional, being *Palavras cruzadas*, by Guiomar Grammont (2015) and *O cabo de guerra*, by Ivone Benedetti (2016). Such survey was made from the theoretical framework of three main historians and philosophers, being them José Carlos Reis (2010), Yvan Lamonde (2007) e Paul Ricoeur (1994). Therefore, we were able to highlight the importance of literature for historical understanding and filling gaps so far neglected.

Keywords: Literature; history; memory; dictatorship; erasures.

Recebido em 6 de abril de 2024.

Aprovado em 20 de novembro de 2024.

Introdução

Pensar a História apenas como registros factuais, sem levar em conta fazeres humanos, é uma tarefa quase impossível para o historiador que pretende traçar uma linha do tempo de um determinado período histórico. Falamos isso porque quando se pensa no fazer história, muitas vezes é esquecido o fato de que tudo o que é produzido pelo homem pode ser considerado material de valor histórico, como, por exemplo, a Literatura e todas as formas de artes realizadas pela humanidade. Dessa forma, a relação entre História e

Literatura vem sendo estudada há milênios, visto suas várias afinidades. Afinal, o objeto final das duas obras é uma narrativa, e tanto a história quanto a Literatura (re)contam algo, ambas têm tramas, personagens e construções. Dessa forma, muitas vezes elas se misturam, tendo difícil demarcação de suas especificidades.

Em vista disso, o presente artigo pretende discorrer sobre esses diálogos possíveis entre a História e a Literatura e em como esses entrecruzamentos podem funcionar como uma forma de preenchimento de lacunas, que muitas vezes são deixadas pela História e por quem a conta. Para isso, pretende-se analisar duas obras literárias que apresentam, em seu corpo narrativo, narrativas ligadas a fatos históricos como plano de fundo. E é através dessas narrativas que se propõe a reimaginar ou revisitar traumas e acontecimentos históricos que falaremos sobre a importância que a Literatura tem para a história.

Das obras dentro do recorte estabelecido para a presente pesquisa, destacamos os livros de Guiomar Grammont, *Palavras cruzadas* (2015), e de Ivone Benedetti, *O cabo de guerra* (2016). Guiomar Grammont é uma escritora, dramaturga, historiadora e filósofa brasileira que nasceu em 1963, em Minas Gerais, e, em seu romance *Palavras cruzadas*, publicado em 2015, aborda com sensibilidade a história de Sofia e sua busca por pistas sobre o desaparecimento de seu irmão, o romance nos apresenta a angústia do luto da família que não pode enterrar seus entes queridos desaparecidos no período da ditadura militar. Já Ivone Benedetti é escritora e tradutora brasileira, nascida em 1947, no estado de São Paulo. Na obra, *O cabo de guerra*, publicado em 2016, Benedetti trata com maestria a construção do personagem cachorro durante a ditadura, um personagem ambíguo, que atua como agente duplo durante a vida e reflete através de memórias como sua vida chegou até aquele ponto, alternando as passagens do livro entre o presente e o passado do personagem.

A escolha desses dois romances se deu pelo fato de ambos tratarem, pela ótica da ficção literária, de fatos tidos como históricos em seus enredos e narrativas. Além disso, as duas obras tratam do mesmo período histórico: a ditadura militar brasileira, que teve seu início com o golpe de 1964, causado pela ameaça fantasma do comunismo, acabou em 1985, deixando diversas vítimas fatais e pessoas desaparecidas em sua história¹, e que

¹ De acordo com o levantamento feito pela Comissão Nacional da Verdade, 191 pessoas foram mortas ao resistirem à ditadura. Além disso, 210 brasileiros continuam desaparecidos até hoje, visto que apenas 33 corpos foram localizados. Totalizam-se 434 cidadãos mortos e desaparecidos. (Mortos e desaparecidos. *Comissão da Verdade da PUC-SP*, 2014. Disponível em:

muito foi suprimida e obscurecida, mesmo que ainda existam diversas provas e testemunhas de toda a violência, tortura e repressão cometidas no decorrer desses longos anos que jamais devem ser esquecidos ou silenciados.

Além disso, outro fator importante para a escolha dos dois livros trabalhados foi o fato de ambos serem escritos por mulheres, o que é uma questão importante a ser considerada, visto que, em situações de guerras, as mulheres sempre são as primeiras a terem seus direitos civis e humanos comprometidos simplesmente por conta do sexo que nasceram, o que pode ser facilmente argumentado e exemplificado com os acontecimentos recentes na retomada do Afeganistão pelo Talibã e na guerra da Ucrânia. Para mais, é possível citar, também, o fato de que o corpo da mulher é constantemente objetificado e visto como posse por homens, uma vez que, na sociedade patriarcal atual, o homem é considerado como o centro, enquanto a mulher é vista como “o outro”, como argumenta Simone de Beauvoir em sua obra fundadora *O segundo sexo* (1949 [2008]). É nesse sentido que a escolha de duas autoras mulheres se torna simbólica quando posta ao lado de tais fatos.

Nos que diz respeito ao nosso referencial teórico, iremos trabalhar, principalmente, com o arcabouço teórico dos historiadores José Carlos Reis e Yvan Lamonde, autores das obras *O desafio historiográfico* (2010) e “Qual história nos contamos? Ficção literária e história” (2007), respectivamente; e com o filósofo Paul Ricoeur, autor da obra *Tempo e Narrativa* (1994). Tais teorias debatem as relações entre História e Literatura e a importância que uma exerce sobre a outra. Esses textos teóricos foram utilizados e estudados durante disciplinas ministradas no ano de 2022, dentro do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

1. As possíveis relações entre História e Literatura

Quando se trata de algo criado pelo ser humano, como a Literatura, é impossível afirmar que essa produção existe fora da História, pois todo autor que escreve está inserido em um determinado tempo histórico, e pertencente a um ambiente social histórico. Ademais, também é preciso levar em conta a natureza tendenciosa do ser

<<https://www.pucsp.br/comissaodaverdade/mortos-e-desaparecidos-contextualizacao.html>>. Acesso em: 02/03/2023.

humano, afinal, ninguém consegue ser neutro, visto que cada pessoa tem uma vivência diferente, em contextos diferentes, e essas alteridades são constantemente, e naturalmente, projetadas, até mesmo de forma inconsciente, em tudo que se é escrito e falado. Dessa forma, supor que tudo o que esse indivíduo produz não duplica e/ou espelha a sua realidade, de alguma maneira, seria um tanto ingênuo.

Para Antonio Candido, importante professor, sociólogo e crítico literário brasileiro, em *A formação da literatura brasileira* (1962), diz que a Literatura não existe antes da nação e nem essa antes da Literatura, ambas se entrelaçam em processo simultâneo de edificação nacional e literária, ou seja, esse processo de surgimento da Literatura está obrigatoriamente ligada ao surgimento da História de uma nação. Assim, não tem como pensar a História e a Literatura de forma separada, afinal, uma pode servir de complemento para a outra. Refletir sobre a Literatura é de vital importância para compreender como se dá todo o pensamento de um povo.

Ainda assim, compreende-se que a História, como disciplina, necessita de fontes para se provar factual e verídica. Contudo, é preciso entender que existem determinadas pessoas, com suas histórias, em determinados momentos da linha temporal, que não são contempladas com o direito de terem suas vidas, experiências e narrativas contadas, principalmente de maneira formal e documentada. Ricoeur (1994) propõe um questionamento extremamente pertinente sobre esse assunto ao indagar

Como falar de uma vida humana de uma história em estado nascente se não há experiência que não esteja medida por sistemas simbólicos, entre eles, os relatos, se não temos nenhuma possibilidade de acesso aos dramas temporais fora das histórias contadas a esse respeito por outros ou por nós mesmos? (Ricoeur, 1994, p. 141).

Além disso, há quem diga que a Literatura pode ser uma forma de interpretar a História, como podemos ver em várias obras literárias espalhadas pelo mundo. Lamonde (2007) utiliza das palavras de Micheline Cambron para explicar que seria extremamente confortável afirmar que a História é o real e a Literatura é a ficção, mas é fato que as duas narrativizações se entrecruzam. A mesma autora também afirma que “[...] a ordenação de um ‘real’ não produz o real, mas uma modalização do real, resumindo, uma ficção [...]” (Cambron, 1958 *apud* Lamonde, 2007, p. 23). Lamonde também questiona o porquê de historiadores políticos acreditarem que “[...] todas suas fontes políticas reunidas definem, caracterizam a representação ‘geral’ da sociedade em um momento ‘x’ [...]” (2007, p. 17), visto que o passado, o que realmente aconteceu, só pode ser alcançado com a contribuição

da imaginação, o que o desqualifica como completamente verdadeiro, principalmente levando em consideração o que já foi citado sobre a natureza parcial e não neutra do ser humano.

Ainda assim, há controvérsias, em *O Desafio Historiográfico* (2010), José Carlos Reis afirma que, para Ricoeur, “[...] a narração é a condição de uma experiência vivida mais humana, porque a narração dá forma e sentido ao tempo vivido, isto é, exterior, real, concreto [...]” (2010, p. 71). Dessa forma, para Reis,

[...] as narrativas histórica e ficcional, são heterogêneas e se opõem, porque a primeira produz “variações interpretativas” e a segunda cria “variações imaginativas”. A história revela a sua capacidade de configuração do tempo histórico pela utilização de certos instrumentos: o calendário, a sucessão de gerações, o recurso a arquivos, documentos e vestígios. São estes instrumentos que, ao conectarem o tempo vivido ao tempo cósmico e biológico, tornam o conhecimento histórico objetivo. (Reis, 2010, p. 71).

Em contrapartida, muitos estudiosos acreditam fielmente que os historiadores são “[...] verdadeiros *criadores* do passado [...]” (Lamonde, 2007, p. 23), visto que a História tem uma “[...] função ideológica [...]” (Lamonde, 2007, p. 23). É nesse sentido que M. Cambron propõe “[...] ler todo texto como uma narrativa, invalidar em certa medida a ideia que existe da não-narrativa, do discurso sobre o qual a inteligência narrativa não consegue aplicar-se.” (Cambron, 1958 *apud* Lamonde, 2007, p. 25). Ainda, Lamonde afirma que “[...] a literatura é indispensável à leitura da história: a questão é evidentemente saber como se lê uma e outra [...]” (Lamonde, 2007, p. 16).

Um grande exemplo de tal relevância é a narrativa romântica. Há quem diga que não haveria o mesmo estatuto historiográfico sobre o exílio dos patriotas, no século XIX, se a narrativa romântica “[...] não tivesse fornecido um contexto temporal e espacial, personagens e um código de ação onde inscreve os acontecimentos [...]” (Lamonde, 2007, p. 21). Dessa forma, a Literatura nos apresenta a possibilidade de preencher espaços vazios deixados pela História, afinal a Literatura não precisa dessas mesmas fontes que a História, e pode trabalhar por um viés mais imaginativo, o que não deixa de ter seu valor histórico.

Podemos ver esse preenchimento de lacunas em obras como *O cabo de Guerra*, de Ivone Benedetti (2016), e *Palavras Cruzadas*, de Guiomar Grammont (2015), sobre o período da Ditadura Militar no Brasil. Livros como esses, que narram fatos históricos pela ótica da Literatura, permitem liberdades que um historiador, que necessita de fontes, não tem, visto que

A narrativa histórica se opõe a ficção pois busca conhecer os homens do passado através de vestígios. A narrativa histórica é um conhecimento por vestígios localizados e datados. Diferente do romance, as construções do historiador visam serem reconstruções do presente-passado. O documento impõe a data, o personagem, a ação e uma dívida em relação aos mortos. O vestígio é “representante” do passado. (Reis, 2010, p. 71).

Levando em conta que é na Literatura que temos essa liberdade criativa para trabalhar com a História, seria de se esperar que a Literatura fosse um tanto quanto desacreditada no que diz respeito a ser ou não um material com verdadeiro valor histórico, contudo, há momentos em que a narrativa histórica e a ficcional se entrecruzam, como nas obras citadas acima e são em momentos como esses que enxergamos que a Literatura e a História podem se completar em vez de se opor

[...] à narrativa ficcional, ela não é obrigada às datas do tempo calendário, à sucessão de gerações, ao local e vestígios. O ficcionista envia a memória aos braços da imaginação, que, sem receio, se entrelaçam e se confundem. O ficcionista é livre para narrar experiências “irreais”, isto é, eventos e personagens que não se submetem ao tempo calendário. Cada experiência fictícia é singular, incomparável, nenhuma intriga literária pode ser repetida, pois seria plágio. [...] a ficção é uma reserva de “variações imaginativas”, que explora e amplia a diferença entre tempo cósmico e tempo fenomenológico. [...] A contribuição maior da ficção é explorar as características não lineares da experiência vivida, que a história oculta ao inscrevê-la no tempo cósmico, liberta-se do tempo calendário, ignora o curso temporal unificado. [...] A ficção torna-se um tempo hermético, explorando as discordâncias, as experiências limite, abolindo as fronteiras entre mito e história. (Reis, 2010, p. 77).

Pensando nesse espaço entre as narrativas ficcionais e históricas, temos a memória, que surge como uma forma de relato acerca de algo que assolou toda uma sociedade ou um grupo de pessoas, como as grandes guerras e as ditaduras nas Américas. Nesse espaço, temos a sensibilidade que é permitida à Literatura, e não à História, e é nesse meio em que encontra-se o romance *Palavras Cruzadas* de Guiomar de Grammont; ele nos apresenta uma narrativa sobre a Ditadura Militar no Brasil e a forma como ela deixou uma ferida incurável na sociedade brasileira, pois foi nesse período que várias pessoas foram mortas e torturadas das maneiras mais terríveis possíveis, como exposto pela obra histórica e documental *Brasil: Nunca mais* (1985), que busca reunir registro sobre os horrores que aconteceram nessa parte da História do país:

Todos os resultados colhidos na pesquisa BNM confirmam as denúncias formuladas no período Médici, por entidades de Direitos Humanos, a respeito de torturas, assassinatos de opositores políticos, desaparecimentos, invasões de domicílio, completo desrespeito aos direitos do cidadão e inobservância da própria legislação criada pelo regime. É nesse período que a pesquisa constatou os mais elevados índices de torturas, condenações e mortes. (Arquidiocese de São Paulo, 1985, 63).

Seguindo agora para o texto de Grammont, nessa narrativa, temos a história de uma família cuja perda de um filho foi devastadora, desaparecido na guerrilha do Araguaia, nunca pode ser enterrado. É nesse cenário onde Sofia, uma jornalista, busca por pistas sobre seu irmão, trilhando uma jornada quase como a de Antígona de Sófocles, que luta para dar um enterro digno a seu irmão morto.

Palavras cruzadas apresenta uma narrativa histórica, com base em documentos coletados sobre a Guerrilha do Araguaia, mas também sensível quando nos apresenta a irmã em busca de vestígios do irmão desaparecido. Relata em detalhes os desafios de sobreviver a floresta amazônica em condições extremas, sem alimentos, fogo e água ao mesmo tempo em que tem pessoas te caçando. É angustiante, mas impossível não seguir a narrativa, assim como Sofia, que através de um diário encontrado em suas buscas, acompanha os relatos de uma guerrilheira que passou seus últimos dias na guerrilha. É interessante notar como a personagem central não consegue seguir sem finalizar suas buscas, pois a vida parece ter parado após a morte do irmão, mas nunca para. Sofia e Guiomar conseguem o que suas memórias procuram e com elas, os leitores conseguem capturar um pedaço do que foi aquele período doloroso da História e seus reflexos na vida de milhares de famílias, que assim como Sofia ainda clamam por alguma pista dos seus que desapareceram naquela época.

É nesse tipo de livro que encontramos esse espaço onde História e Literatura se entrelaçam, pois mesmo que a história de Sofia não seja um relato com datas e personagens comprovadamente reais, é uma história que poderia ser, e é aqui que a ficção pode ser considerada história, tal como no trecho abaixo:

[...] para ser persuasivo, o “provável” da ficção deve ser como o “provável” da historiografia – plausível, verossímil, aceitável como real. Uma ficção [...] quando se mistura fortemente à história, pois a protege do determinismo liberando possibilidades que não se concretizaram, abordando um passado que poderia ter sido. (Reis, 2010, p. 80-81)

É aqui onde encontramos o ponto principal da questão, ainda que o romance *Palavras Cruzadas*, de Grammont, não seja de fato uma narração de um acontecimento comprovadamente histórico, podemos dizer que poderia ter sido, pois foi baseado em documentos históricos do período, mas foi reproduzido de maneira literária pela autora, a qual trabalhou a memória na Literatura de uma maneira singular e sensível, podendo tocar a todos os cujos traumas lembram os de Sofia e sua família ou ainda vivem a dor

silenciosa de não poder enterrar um pessoa tão importante quanto é um filho e um irmão. Essa sensibilidade só encontramos na Literatura.

2. Preenchimento de lacunas

Como citado anteriormente, a Literatura trabalha de forma mais livre que a História, como disciplina. É através da Literatura que encontramos o espaço necessário para preencher as lacunas deixadas pela História, mas não podemos deixar de destacar que a História tem grande influência sobre a forma como a Literatura é produzida. Podemos ver isso claramente na forma como se deu o processo de produção da obra de Grammont, que através de pesquisas em documentos históricos compuseram suas obras, dando a luz da ficção para aquilo que precisava ser iluminado para chegar ao leitor.

Sofia, protagonista do livro de Guiomar Grammont (2015), não existiu, de fato. Ainda assim, pode se ver refletida nos olhos de cada pessoa que perdeu um pedaço de si para a Ditadura violenta dos Anos de Chumbo do Brasil. Esse ato de escrever e preencher lacunas nos dá espaço para liberar vozes, há muito silenciadas pela História ou por historiadores. E é na Literatura que podemos recorrer a este ato.

Já no romance de Guiomar Grammont, temos a narrativa de Sofia em paralelo a narrativa de uma guerrilheira, que atuava na guerrilha do Araguaia, através de um relato encontrado em um diário que Sofia encontra em sua busca por seu irmão desaparecido. Sofia não é uma personagem histórica real, no entanto, toda a sua construção, assim como a construção da narrativa, é feita em cima de uma grande pesquisa da autora em documentos recolhidos sobre tudo o que ocorreu no período da Ditadura Militar no Brasil. A autora escreve uma personagem que não é real, mas que poderia ser, levando em conta tudo o que aconteceu naquele período e a luta dos familiares para descobrir o que aconteceu com seus entes queridos.

Aqui a obra é narrada em primeira pessoa, por Sofia, que parte em busca de encontrar um desfecho para seu irmão desaparecido, enquanto também acompanha o relato de uma guerrilheira em um diário que encontrou em meio a suas pesquisas. A história, ao mesmo tempo que é angustiante e triste, também é sensível e reveladora.

Já no início do livro temos uma citação de *Antígona* (441 a.C.) uma peça teatral de drama, escrita por Sófocles na Grécia antiga, que faz parte da trilogia Tebana, e narra a luta de uma irmã para conseguir fazer um enterro decente para seu irmão que foi

assassinado em uma luta por poder. Esse enredo nos leva a pensar sobre a história de Sofia e sua família, que ao ter o irmão/filho desaparecido, vive o inferno de não poder dar um enterro decente para ele, que também, não pode ser dado como morto, pois não tem um corpo para isso.

É importante ressaltar que no período da Ditadura Militar no Brasil, de 1964 a 1985, muitas pessoas desapareceram e nunca foram encontradas, assim, todo o trabalho feito para compor a narrativa de Sofia foi baseado em uma grande pesquisa feita pela autora, assim como o outro romance aqui estudados.

Enquanto isso, em *Cabo de guerra*, temos o relato de um homem, que nunca tem seu nome apresentado durante a narrativa, mas que tem como objetivo relatar sua trajetória em São Paulo durante o período da Ditadura. Esse personagem é tido como um agente duplo do regime, que através dos acontecimentos da sua vida é levado a se tornar um agente infiltrado do DOPS² no movimento de resistência. Essa narrativa nos levou a conhecer o ponto de vista do “cachorro”, como eram chamados esses infiltrados, que traíam seus companheiros baseados em seus próprios interesses.

A formação de um cachorro, seu treinamento e sua reintrodução na organização de origem já como agente, tornou-se uma das mais sofisticadas operações dos órgãos de repressão, o polo oposto da sanguinária tortura. Infiltrados em quase todas as organizações clandestinas, os “cachorros” desempenhariam papel crucial na liquidação final dos militantes dessas organizações, decidida pelos militares a partir de 1973, ao se vislumbrar no horizonte o fim da ditadura. Liquidar de vez os militantes passa a ser a prioridade da repressão, ainda que às custas de expor a identidade dos seus “cachorros”. A forma utilizada foi a do “desaparecimento”. Os militantes eram sequestrados e assassinados à margem do sistema legal de repressão, e seus corpos dispostos de modo tal que jamais fossem encontrados. (Kucinski, B. Sobre Cabo de Guerra . In: Benedetti, Ivone. *Cabo de guerra*, 2016, s/p).

A introdução ficcional do ponto de vista do “cachorro” na obra de Benedetti nos possibilita, ainda que no espaço da ficção, conhecer um pouco mais sobre aquele período doloroso da História de nosso país, dando luz a eventos que pouco se é falado nos dias de hoje, com pessoas desacreditando dos horrores que aconteceram naquele período. A Literatura funciona como o espaço onde a História e a arte de contar história se encontram, apresentando pontos de vistas e narrativas nunca contadas.

² DOPS é a sigla usada para o Departamento de Ordem Política e Social, um órgão do governo brasileiro que atuou na repressão política e social durante o Estado Novo (1937-1946) e na Ditadura Militar (1964-1985).

É interessante notar a construção do personagem principal da obra, o cachorro, que mesmo narrando em primeira pessoa sua história, em nenhum momento revela seu nome, um artifício narrativo genial, pois aquele ali, mesmo não sendo um personagem histórico real, poderia de fato ser qualquer um.

NESTA MANHÃ DE 2009 caio na real: essa história já tem quarenta anos. É passado. Ou deveria ser. Porque o passado não vivido não passa, fica atormentando, querendo ser chamado de presente, ocupando armários, cadeiras, sempre aí, sempre aqui. Então, tentando apagar essa presença deslocada, a gente revive tudo lembrando, mas quem revive não é a gente, e sim o passado, de modo que a gente passa o tempo realimentando o tempo, e isso não acaba nunca. Assim, quando minha irmã, perene presença, entra e passa no meio dos fantasmas que atravancam este espaço, é tanta a força deles que quem se torna invisível é ela. (Benedetti. 2016, p. 29).

Sua narrativa alterna entre o presente e o passado, quando ele relembra seus dias como militante e como cachorro, e também reflete sobre como sua vida chegou até aquele triste fim. O protagonista é construído de uma forma em que o leitor não consegue sentir empatia por ele, sendo apenas um homem fraco, levado por aquilo que lhe convém, como destacado por Kucinski no texto inicial sobre o livro, no qual ele fala sobre o protagonista e sobre o título da obra que remete tanto a patente de cabo no exército quanto ao jogo cabo de guerra:

O “cachorro” de Cabo de guerra é um tipo medíocre, que se deixa levar por qualquer um. Um pobre de espírito e um fraco de caráter. É mais por acaso do que por convicção que ele chega à luta armada e também por acaso se torna informante das forças de repressão. Nem foi preciso torturá-lo. A história é narrada em primeira pessoa por ele próprio, que intercala aos episódios da trama central, recordações de uma infância traumática, na qual testemunhou a morte violenta do pai. Sofre, por isso, surtos alucinatórios. (Kucinski, B. Sobre Cabo de Guerra. *In*: Benedetti, Ivone. 2016, p. 1).

Ele continua:

O título remete à disputa que se deveria dar na mente de um “cachorro” entre a força maligna que o leva à traição, alimentada basicamente pelo oportunismo e o instinto de sobrevivência, e uma suposta força contrária oriunda do impedimento moral de todo humano à traição e à desonra, mas quase inexistente no sinistro personagem deste Cabo de guerra e obviamente derrotada. (Kucinski, B. Sobre Cabo de Guerra. *In*: Benedetti, Ivone. 2016, p. 1).

É muito interessante notar esse jogo da consciência do protagonista, que ainda que tenha uma moral fraca, reflete sobre as coisas que fez. E é justamente isso que o torna tão real e verossímil aos olhos do leitor que deseja enxergar a Ditadura pelos olhos de alguém que experimentou os dois lados da moeda, ainda que por um olhar ficcional.

Considerações finais

Assim, finalizamos destacando que é impossível afirmar que *Cabo de Guerra e Palavras cruzadas* são livros históricos ou biografias, pois faltam documentos e provas das ações. Contudo, também não é possível negar que são narrativas interessantes e importantes para entender um pouco do que ocorreu no passado com diversas outras pessoas. Para uma escrita crítica, reflexiva e que faz alusão ao passado, como as de Benedetti e Grammont, é necessário um conhecimento histórico muito grande. Por um outro lado, a narrativa ficcional pode oferecer ao historiador, através de palavras, imagens que possibilitam entender o horror, a guerra, o genocídio, a Ditadura etc, que não são ficcionais, mas que devem sempre ser lembrados e relembrados para que jamais se repitam.

Dessa forma, é possível afirmar que através da Literatura podemos preencher esses espaços que não são permitidos, ou muitas vezes lembrados, na História, que nada mais é do que um registro que necessita de fontes, fonte essa, que às vezes precisa se socorrer na imaginação dos fatos, uma vez que um passado completamente fiel ao que aconteceu nunca poderá ser alcançado. Essa suposição de relatos, que muitas vezes são aderidos como históricos, são de extrema recorrência na Literatura e suas criações imagéticas, que utilizam da criatividade para a narrativização dos ocorridos.

Referências

- ARQUIDIOCESE de São Paulo. *Brasil: Nunca Mais - Um Relato para a História*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BEAUVOIR, Simone De. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2008.
- BENEDETTI, Ivone. *Cabo de guerra*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- GRAMMONT, Guiomar. *Palavras cruzadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
- LAMONDE, Yvan. Qual história nos contamos? Ficção literária e história. *Cadernos Literários*, Rio Grande, n. 1, 2007, 15 p.
- REIS, José Carlos. *O Desafio Historiográfico*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papyrus, 1994.